



«Nunca as irredutíveis posições foram o mais correcto caminho a prosseguir.»

Sequeira Afonso

(Avença)

A Voz de Loulé

QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

XXII (Preço Avulso 2\$00)	4.12.73 N.º 527	Delegação em Lisboa R. Passos Manuel, 102-5.º-Dt. Telef. 56 27 59	Composto e Impresso CARLOS MARQUES, SARL Rua Dr. Augusto Barreto, 11 a 19 Telef. 2 47 10 B E J A	DIRECTOR E PROPRIETARIO José Maria da Piedade Barros	Redacção e Administração GRAFICA LOULETANA Rua da Carreira Telefone 6 25 36 L O U L É
------------------------------	--------------------	---	--	---	---

«A Voz de Loulé» faz anos

Um jornal é um amigo, que não somente as palavras dispersas no papel, tantas vezes deixado injustamente no olvido. Mesmo quando esse amigo é um visitante quinzenal, tal não significa — é bom frisá-lo — um menor penhor de amizade e dedicação a quem recebe essa habitual presença fruto duma acção constante de unir, comunicar, informar.

«A Voz de Loulé» fez, no passado dia 1 de Dezembro (Dia de Restauração), 21 anos de idade. Alguém disse, graciosamente,

que «já está uma mulherzinha». Com efeito, os anos passam, pois o tempo está em incessante transformação. Tudo muda: os tempos e as vontades, como escreveu Camões. E com este número, comemora-se mais um ano de vida da nossa «Voz». Vida que desejamos longa e aberta às solicitações do que vier, tendo sempre no pensamento (nós, que acreditamos na razão como elo de união entre os homens) todos aqueles para quem «A Voz de Loulé» nasceu e continua.

Continua na 8.ª pág.

A RAZÃO DUMA POSIÇÃO

Prosseguem as diligências para a constituição da Cooperativa Agrícola de Loulé

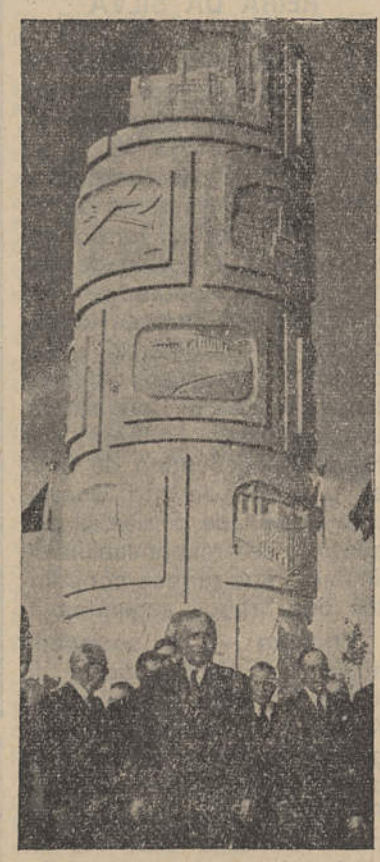
Apesar de tantos oborrecimentos, de tanta indiferença e até contrariando injustificadas pressões, não tencionamos desistir de trabalhar para que seja criada a Cooperativa Agrícola de Loulé.

Está em causa o progresso de Loulé e isso justifica que o «jornal da terra» faça o que for possível para o seu engrandecimento (ou isso está errado?). Mesmo que alguns digam (pensando o

contrário) que está errado, isso não nos desanimará dos nossos propósitos.

Talvez influenciado pelo que considerou um êxito quando da constituição da sociedade que se propõe construir as piscinas em Loulé, o sr. José Costa Mariano (conceituado comerciante e proprietário em Loulé) sugeriu-nos que levantássemos o problema de se criar em Loulé uma Coopera-

Continua na 8.ª pág.



Salazar deslocou-se a Loulé para inaugurar o monumento a Duarte Pacheco. No dia 16 de Novembro de 1953 completavam-se 10 anos sobre a morte do saudoso louletano.



O Almirante Henrique Tenreiro visitou o Castelo de Loulé

Por mero acaso soubemos que o sr. Almirante Henrique Tenreiro esteve em Loulé há mais de um mês.

Habituada já a ser ignorada de acontecimentos locais deste género, «A Voz de Loulé» não estranha que estas notícias cheguem à redacção «por mero acaso».

Mas a verdade é que a visita do conhecido Deputado pelo Algarve teve muito interesse, pois

Continua na 10.ª pág.

Aconteceu em Quarteira!!!

Mais de 400 crianças sem aulas... porque se demoliu uma Escola de 4 salas antes do novo edifício estar concluído

Ler na 10.ª pág.

O Algarve visto de fora II

Loulé de ontem e de hoje

Por MANUEL DE QUERENÇA

Anda um Homem por esse mundo além e quando regressa à Terra que lhe serviu de berço, onde balbuciou as primeiras

O Carnaval de Loulé ou o sono mascarado?

O Carnaval de Loulé é um festejo popular que se realiza há dezenas de anos, tendo alcançado em Portugal e no estrangeiro uma fama que não deverá, de

Continua na 6.ª pág.

presses e sofreu certamente as primeiras desilusões, tudo lhe parece estranho, os Homens, as coisas e as paisagens. E o diabo é que o indivíduo é incapaz de deixar apagar na alma, aquela afeição que o liga e acompanha pela vida fora, à Terra onde nasceu. Isto é verdade para toda a gente, mesmo para homens do nosso temperamento e convicções que não reconhecem outros limites à Pátria do Homem, a não ser os do Universo. Tudo o resto são situações criadas pelo tempo, circunstâncias e vontades de alguns indivíduos.

O nosso Loulé, aquele que nos

Continua na 2.ª pág.

O Eng.º Duarte Pacheco morreu há 30 anos!

Como o tempo passa!

Ainda temos bem presente o choque que sentimos quando foi anunciada a morte desse grande louletano que foi o Eng.º Duarte Pacheco.

16 de Novembro de 1943.

Uma data que os louletanos não podem, nem devem esquecer. Morreu o mais ilustre dos seus filhos e a Nação ficou de luto, porque perdeu um Homem que visionava um Portugal maior, virado para um futuro tão distante que Salazar disse de Duarte Pacheco. «Construir para um século, era divisa sua porque, paradoxalmente, uma Nação modesta não pode construir só para 20 anos...»

E pensarmos nós que, hoje, se fazem tantas obras sem ao menos se pensar num futuro pouco distante.

No dia 16 de Novembro completaram-se 30 anos sobre a triste data que a morte roubou à Nação um GRANDE HOMEM.

...

Há 20 anos foi inaugurado em Loulé o monumento que perpetua a sua memória

No dia 16 de Novembro completaram-se 20 anos sobre a data em que Salazar se deslocou a Loulé para participar nas cerimónias que assinalaram a inauguração do monumento que ficou perpetuando a memória dum Ministro que soube ser Grande em Portugal.

No n.º 24 da «A Voz de Loulé» de 16 de Novembro de 1953, que dedicámos inteiramente a Duarte Pacheco, o nosso querido amigo e saudoso director deste jornal, Dr. Jaime Rua escreveu:

«O País inteiro está hoje presente na sua terra, no recanto provinciano a onde desabrochou a forte personalidade de Duarte Pacheco, para lhe prestar homenagem junto do monumento tão

simbólico e tão expressivo que os municípios de Portugal ergueram à sua memória.

O País vem à terra de Duarte Pacheco, mãe amantíssima e reconhecida, que mais isentamente o admirou por não ter sido por ele tratada com a excepção a que podia julgar-se com direito, exprimir com ela a sua gratidão e chorar a sua saudade.

Loulé orgulha-se de ter hoje, dentro das suas portas, toda a alma da Nação e com ela se curva reverente, saudosa, engrandecida e agradecida, perante a memória de quem foi um Grande Louletano só por ter sido um

Continua na 6.ª pág.

A 1.ª venda de cimento da Cisul foi destinada a obras do Santuário de Nossa Senhora da Piedade

Já está em plena laboração a fábrica de cimento que, em tempo record, a Cisul fez construir próximo de Loulé.

O cimento Cisul já está, portanto, à venda. Isto tem um elevado significado porque simboliza, para a nossa terra, uma arrancada para um futuro que ca-

da ano se adivinha mais promissor. E, cimento é, na época actual símbolo de progresso.

O cimento e a Cisul serão, portanto, fontes de progresso e de bem estar para Loulé.

Embora com um significado absolutamente distinto, uma outra obra, também grandiosa, se está a erguer em Loulé: o Santuário de Nossa Senhora da Piedade. E porque é um notável empreendimento que fala ao coração dos louletanos, a Cisul quiz destinar a esta obra a sua primeira venda de cimento.

Para se avaliar a grandeza empreendimento basta referir que o Santuário é formado por 12 arcos e que cada um exige 300 toneladas de cimento, excluindo as sapatas, que têm 4 metros de profundidade com 130 toneladas de cimento cada.

Só faltam erguer 3 arcos, mas já foram gastos 800 contos em madeira para as cimbres dos arcos e 2 500 quilos de pregos.

Continua na 3.ª pág.

Dizem que não haverá Carnaval em Loulé será isto possível?

Todos os anos, findo um Carnaval se diz que se deve logo iniciar a preparação do próximo, o que aliás bem se compreende,

mas isto não passa de palavras. Daí que ao aproximar-se a nova época carnavalesca reinem sempre as maiores dúvidas sobre a organização dos novos festejos.

Como todos sabem, nos últimos dois anos, o Carnaval só foi possível pela colaboração e en-

(Continua na 6.ª pág.)

O Algarve visto de fora

• Continuação da 1.ª pág.

marcou e acompanhou sempre na nossa já longa vida de vagabundo incorrigível remonta aos anos 1936-1937. Depois veio a grande caminhada, a grande e por vezes dura aventura dum pobre homem que parece condenado a ter nascido e morrer sozinho.

Não há dúvida que naquilo que reportamos como essencial à vida harmoniosa dum Povo, a Cultura, Loulé de hoje afigura-se nos ter dado alguns passos em relação ao passado.

Para se avaliar dessa realidade de basta saber-se que no Loulé de então de os anos 36-37, não possuía uma livraria digna desse nome e menos ainda uma biblioteca. Essas lacunas embora timidamente pareciam-nos hoje remediadas. Manifestações culturais, o que então já era alguma coisa, só se podia contar com duas filarmónicas e a tradicional batalha de flores. Loulé que devia ser a imagem do País, parecia interessar-se pouco pelos problemas da Cultura.

Procurando definir o que era a Cultura, o grande escritor e tribuno Francês que foi longos anos Presidente da Assembleia Nacional Edouard Herriot, que tivemos a honra de conhecer pessoalmente disse: «A Cultura é tudo aquilo que fica após havermos esquecido as regras que nos ensinaram nas escolas». Anos depois, André Malraux, esse combatente infatigável da liberdade então Ministro da Cultura do General De Gaulle também exclamava da mesma tribuna: «Sou o último a saber o que é a Cultura, mas parece-nos ser tudo aquilo que fica depois da morte».

Se estas duas definições da Cultura são válidas como se nos figura, o Louletano (de opção, mais representativo da Cultura da nossa geração foi sem sombra de dúvidas o iletrado poeta Aleixo. A grande mensagem poética de que todos nos orgulhamos excedeu de há muito os burgueses do Concelho para ir levar em salva de prata a presença de Loulé Cultural a toda a parte onde a Língua e a Cultura

Portuguesa marcaram a sua presença. O Liceu e a Universidade não são incompatíveis como a Cultura; são mesmo, evidentemente, fontes naturais da sua obtenção. Contudo esses estabelecimentos do ensino não guardam a exclusividade do saber. Os génios nascem, as regras de trabalho e de conhecimentos aprendem-se. Sem nunca ter frequentado o Liceu ou a Universidade, Ferreira de Castro é quanto a nós, o maior e mais representativo dos nossos escritores contemporâneos. O homem será tão grande, quanto maior for o seu poder de comunicabilidade. Sem mensagem, sem comunicação aos outros, não há Cultura que valha. E neste campo António Aleixo é um grande exemplo. Quanto mais se conhece a sua obra e se analisa de conjunto, maior será a admiração pela grande mensagem poética e filosófica que nos deixou.

Outro grande Louletano da nossa geração foi o saudoso Doutor Bernardo Lopes. Também esse homem todo devotado aos seus doentes, excedeu no nosso meio tacho em relação à solidariedade para com os pobres, a rotina dos interesses pessoais. Ficou assim sendo uma figura de exemplo no meio Louletano. Não pensou só em si, consagrou toda a sua vida de médico, a aliviar a dor alheia. Também foi uma mensagem que ficou após a morte.

Isto é a traços largos o que guardamos de Loulé de ontem, para nós o mais representativo. O de hoje, mais evoluído em direcção de condições de vida mais condignas para todos, afigura-se simbolizando pelo espírito que anima o Direcção deste Jornal, todo consagrado ao progresso colectivo da nossa terra.

A Piscina é um exemplo dignificante. Quem teria pensado nisso ainda aqui há meia dúzia de anos atrás? Essa iniciativa facilitará a convivência em direcção duma mocidade mais culta, e fraterna e consciente das suas responsabilidades nos dias de amanhã mesmo se as aparências de hoje nos gritam em sentido contrário.

«Solar Algarvio — Sociedade Agrícola e Comercial do Algarve, Lda.

SECRETARIA NOTARIAL
DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

NOTÁRIO: LICENCIADO NUNO ANTÓNIO DA ROSA PEREIRA DA SILVA

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 21 do mês corrente, lavrada de fls. 45 a 48, v. do livro n.º A-73, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi constituída entre a sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada «Frescalgarve — Comércio e Indústria de Produtos Alimentares Frescos e Congelados, Limitada», aos seus sócios.

Primeiro — A sociedade adopta a denominação de «Solar Algarvio — Sociedade Agrícola e Comercial do Algarve, Limitada», e vai ter a sua sede, provisoriamente na Rua Cinco de Outubro, número trinta e oito, rés-do-chão, freguesia e concelho de Albufeira, podendo estabelecer as delegações e sucursais que entender, e durará por tempo indeterminado a contar de hoje.

Segundo — O seu objecto é o exercício de actividades turísticas, hoteleiras, gastronómicas, urbanização de terrenos, compra e venda ou arrendamento de imóveis, actividades agrícolas e de indústria agrícola e qualquer outro ramo de comércio ou indústria que resolvam explorar e seja legal.

Terceiro — O capital social é de três milhões de escudos, integralmente subscrito e realizado em dinheiro, já entrado na Caixa Social, dividido em quatro quotas, uma de um milhão e quinhentos mil escudos, pertencente à sócia «Frescalgarve — Comércio e Indústria de Produtos Alimentares Frescos e Congelados, Limitada»; uma de novecentos mil escudos, pertencente à sócia Elsbeth Freifrau Von Horn; uma de quatrocentos e cinquenta mil escudos, pertencente ao sócio David Justino de Sousa; e uma de cento e cinquenta mil escudos, pertencente ao sócio Dr. Jacinto Duarte.

Parágrafo único — Os suprimentos de que a caixa social necessitar deverão ser feitos pelos sócios, nas condições que acordarem em assembleia geral.

Quarto — A cessão de quotas é livremente permitida entre os sócios, mas na cessão a estranhos tem a sociedade o direito de preferência em primeiro lugar e os restantes sócios em segundo lugar, na proporção das suas quotas.

Parágrafo primeiro — No caso de qualquer sócio pretender afastar-se da sociedade, esta poderá amortizar a sua quota pelo valor do último balanço e a sua quota parte nos fundos de reserva. O sócio que pretender afastar-se deverá avisar a sociedade por carta registada, com seis meses de antecedência.

Parágrafo segundo — Fica desde já autorizada a cessão de quota ou de parte dela pela sociedade Frescalgarve — Comércio e Indústria de Produtos Alimentares Frescos e Congelados, Limitada, aos seus sócios.

Quinto — A sociedade poderá amortizar a quota de qualquer sócio, no caso de penhora ou de esta ser chamada a responder em juízo, quer no país, quer no estrangeiro, pelas obrigações do respectivo sócio, se não for libertada no prazo de um mês, ou se o sócio não puder dar à sociedade a colaboração a que se obrigou em vista a atingir-se o objectivo social, pagando o seu valor segundo o último balanço, incluindo a sua quota parte nos fundos de reserva. Poderá ainda ser amortizada a quota de qualquer sócio que seja uma sociedade se qualquer entidade oficial pretender apreender os seus bens, nas mesmas condições.

Parágrafo único — No caso de amortização, o valor da quota será pago em cinco prestações anuais, vencendo-se a primeira no acto da amortização e as restantes em igual dia dos anos seguintes, vencendo as prestações em dívida juro à taxa de desconto do Banco de Portugal, acrescida de um por cento.

Sexto — Todos os sócios são nomeados gerentes, sem necessidade de caução e com ou sem remuneração, conforme vier a ser deliberado em Assembleia Geral.

Parágrafo primeiro — Ficam desde já nomeados o Dr. Heinz Ammon e Margaret Ammon para representar a sócia Frescalgarve — Comércio e Indústria de Produtos Alimentares Frescos e Congelados, Limitada, na gerência da sociedade, devendo agir em conjunto.

Parágrafo segundo — A sociedade obriga-se com a assinatura de dois gerentes, devendo um deles ser sem-

pre o representante da sócia Frescalgarve, ou procurador por ele nomeado, salvo quanto aos actos de mero expediente para os quais é suficiente a assinatura de qualquer dos gerentes.

Parágrafo terceiro — Fica vedado aos gerentes usar a firma social ou obrigar a sociedade em actos estranhos aos negócios sociais, ficando aquele que infringir esta obrigação responsável para com ela pelos prejuízos que lhe causar.

Parágrafo quarto — Qualquer gerente pode nomear procurador com poderes gerais de gerência ou poderes especiais para qualquer acto ou contrato.

Sétimo — Quando a lei não exigir outras formalidades a convocação das assembleias gerais far-se-á por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com quinze dias de antecedência, pelo menos.

Oitavo — A sociedade não se dissolve pela morte, interdição ou dissolução de qualquer dos sócios, continuando com os herdeiros do falecido ou representantes do interdito ou falido, devendo aqueles nomear um de entre si que a todos represente na sociedade. No caso de aqueles não procederem a esta nomeação, no prazo de dois meses será o herdeiro mais velho que terá legitimidade para os representar na sociedade.

Nono — Ficam desde já autorizados os sócios gerentes Elsbeth Freifrau Von Horn e Dr. Jacinto Duarte, para outorgarem e assinarem em nome da sociedade a escritura de compra para esta da Quinta do Olho do Boi, na freguesia do Algoz, concelho de Silves, pelo preço de sete milhões e quinhentos mil escudos, bem como quaisquer outros prédios contíguos.

Está conforme ao original.

Secretaria Notarial de Loulé, 26 de Novembro de 1973.

O 2.º Ajudante,

a) Fernanda Fontes Santana

Lembre-se! um fósforo

ou uma ponta de cigarro

Podem ser o princípio...

De uma Desgraça!

Vai de viagem para a América?

A PAN AM dá-lhe apoio e assistência em três coisas importantes
EMBARQUE • VIAGEM • DESEMBARQUE

Vale mais uma viagem nos jactos da PAN AM que duas ou três de qualquer maneira. Só o conforto e a rapidez da PAN AM marcam bem a diferença. A PAN AM serve Portugal há 34 anos. Hoje tem uma experiência dos gostos e dos hábitos dos portugueses como nenhuma outra. Isso vê-se nos voos para a América. O pessoal de voo fala português e está treinado para prestar a maior assistência de princípio a fim da viagem—desde o embarque ao desembarque. Mas já antes a Assistência da PAN AM se processa. Logo que o futuro viajante contacta o seu Agente de Viagens ou a



Pan Am
Praça dos Restauradores, 46-Lisboa
Telef.: 362591/362181



COMPRA, VENDE, ALUGA E TRESPASSA

PROPRIEDADES, PRÉDIOS, QUINTAS,
APARTAMENTOS, COMÉRCIO, INDÚSTRIA, ETC.

RUA DA CARREIRA, 118 e 120

LOULÉ

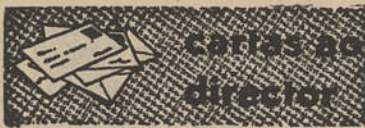
CASA ALEIXO

de VITALINO MARTINS ALEIXO

Grande sortido de novidades em artigos para
brindes de Natal.

Papelaria, Livraria, Artigos de Escritório
e de Pesca, Artesanato Regional e Material
Escolar, etc.

RUA ATAÍDE DE OLIVEIRA, 9
Telef. 624 25 • LOULÉ



Meu bom José Maria,
Os nossos contactos de «boa vizinhança» terminaram por esta época em Quarteira, com o fim do Verão e o nosso conseqüente regresso a Loulé. E a verdade é que tenho lembrado, não poucas vezes, as «cavaqueiras» trocadas nas marquises que separam as casas que habitávamos.

Hoje mesmo me lembrei de si e da «Voz» e para não perder o hábito de lhe falar, resolvi escrever-lhe, mas de imediato, claro, por que se não for ao correr da pena, nada feito.

Há coisas, José Maria, que pasmam e entristecem as pessoas. Calcule você, que em 16 de Abril do corrente ano, dirigi, em requerimento, uma petição à Caixa de Previdência do Distrito de Faro, não para mim, mas em nome de uma pessoa de família, ao tempo impossibilitado de o fazer e que infelizmente veio a falecer dias depois.

Seguiu a referida petição, a via normal, através dos C. T. T., com endereço completo, remetente e selos, claro.

A petição, todavia, não teve (não podia ter neste caso!) qualquer parecer da parte do Organismo a que foi dirigida. Hoje, exactamente no dia em que se completam 6 meses em que foi remetido o documento, vou encontrar na minha caixa de correio, a carta devolvida, com carimbo de nulo e sem mais explicações.

Obviamente dirigi-me à Estação local dos C. T. T. para pedir uma explicação do sucedido. E, tal como esperava, a resposta não levou a conclusão nenhuma — como de costume! — ainda que tivesse havido da parte da funcionária com quem falei (honra lhe seja feita) correcção e afabilidade.

Aqui encontro a explicação para o facto de, como já lhe tenho frizado, me aparecer a «VOZ» depois de a ter lido pela mão de amigos, dois ou três dias antes.

Isto é assim mesmo e julgo que nada além das inevitáveis despesas e maçadas ganharia com qualquer exposição. Viria, decerto, o tal «memorandum» da ordem, lacónico, a informar que o responsável apanharia pela medida grossa se se viesse a apurar responsabilidades. Assim, resolvi responsabilizar-me a mim próprio, uma vez que de lesado não passo nem passaria, naturalmente, com todos as exposições que viesse a fazer.

Deixo-lhe um abraço de amizade.

Loulé, 16 de Outubro de 1973.
SILVA LOPES

Um curso de tractoristas em Querença

Promovida pela Estação Agrária de Tavira realizou-se há pouco em Querença um curso de tractoristas que teve uma frequência superior a 20 alunos. Isso significa, relativamente ao meio, o grande interesse que o curso despertou como abertura de novos horizontes aos que trabalham na terra e querem tirar dela o alimento indispensável à vida.

terreno, pois certamente não recusaria oferecer noutro local, até porventura mais próximo das suas urbanizações.

Não conseguimos compreender o que aconteceu.

Acontecem coisas extraordinárias em Quarteira...

A expansão da Philips no Algarve

O turismo forçou o desenvolvimento urbanístico de Albufeira e o comércio tem, naturalmente, que acompanhar essa evolução. Por isso não é de estranhar a modernização dos seus estabelecimentos e a abertura de novas casas que continuamente valorizam aquela pitoresca Vila.

Vem isto a propósito da inauguração de uma loja Philips que pelas suas dimensões e decoração se pode considerar um elemento de valorização local.

O novo estabelecimento que dispõe de uma área de 200 m² é a Loja n.º 5 da «Jomeluz», uma empresa recentemente formada no Algarve e já em grande expansão.

Situada na Rua Cândido dos Reis, n.º 26 (junto à Avenida Eduardo Rios, Cinema e Hotel Baltum) a nova casa dispõe de secções de: Rádio, Televisão, Alta Fidelidade, Electrodomésticos, Discoteca, Electroacústica, iluminação pública e particular e ainda uma secção de gás, Butano, Propano e Camping Gás da Shell.

A cerimónia da inauguração, que se realizou no dia 12, foi presidida pelo Sr. Eng.º António Lopes Serra, Governador Civil do Distrito, estando presentes outras individualidades do Algarve, Administradores e altos funcionários da PHILIPS PORTUGUESA, S. A. R. L.

PRECISA-SE

Mecânico de Motorizadas.
Nesta redacção se informa.

No Mercado Amazona encontrará a melhor qualidade ao melhor preço.

CORRECCÃO DAS DEFORMAÇÕES DOS PÉS

EXAME FOTOPODOLÓGICO E PODOMÉTRICO
GRATUITO POR ESPECIALISTAS

NÚMERO LIMITADO DE CLIENTES • FAÇA A SUA MARCAÇÃO

Loulé - Farmácia Pinto, no dia 12 de Dezembro

PALMILHAS MEDICINAIS E CALÇADO ORTOPÉDICO SOB MEDIDA
INSTITUTO HUBERTO DE PORTUGAL
RUA NOVA DA TRINDADE, N.º 6-A, 6.º - LISBOA 2 (PORTUGAL)



NOTA QUINZENAL

Emigração e Desenvolvimento

Por demais sabido que o Algarve tem fornecido dos mais elevados índices de emigração, e isto desde há bastantes anos! Recordemos: primeiro foram os Estados Unidos, depois a Argentina, mais tarde a Venezuela, seguindo-se a França, a Alemanha... Em todos esses países os algarvios têm, com o suor do seu esforço, ajudado a realizar um amplo trabalho de desenvolvimento.

Por outro lado, o maior pecúlio, as justas condições de vida, fruto de equitativas distribuições dos rendimentos nos países onde laboram, fazem com que esses nossos compatriotas não só se radiquem nas terras para onde um dia partiram como — e tal facto vem acentuando-se cada vez mais — procurem chamar para junto de si os familiares que ainda por cá ficaram.

APRESENTA o fluxo emigratório perspectivas de diminuir de intensidade? As estatísticas parecem confirmar que sim. Todavia, urge que sejam tomadas medidas verdadeiramente eficazes tendentes a evitar a saída dos algarvios (isto é: de todos os portugueses) desta terra em vias de desenvolvimento que é ainda a nossa.

ESTAMOS em crer que a generalizada falta de mão-de-obra reduzirá a sua amplitude se, aqui e agora, forem definidos objectivos reais de enquadramento sócio-económico-político, que afastem de vez esta vã desconfiança com que encaramos o presente e o futuro, procurando encontrar noutros países tudo aquilo que aqui podemos alcançar. Porque, na verdade, quanto mais divididos estivermos, mais os outros irão enriquecendo com os nosso esforço...

Vilamoura

Continuação da 10.ª pág.

se inteiramente voltado para o turismo.

Como fulcro desse turismo está essa arrojada obra que é a Marina, onde terão o seu ancoradouro privativo proprietários dos melhores iates da Europa. O Centro Hípico, o Casino, os campos de Ténis e de Golf são outras atracções em que a Norwest se integra e se valoriza.

Não é, portanto, de estranhar a rapidez com que têm sido vendidas as vivendas ali construídas, o que, naturalmente, tem sido um estímulo para novos empreendimentos.

A Aldeia do Golfe conta com oito tipos diferentes de moradias, piscina, centro comercial, clube, restaurante e, como é óbvio, a possibilidade da prática diária do golfe.

Esta construção está considerada como o primeiro empreendimento, no género, edificado na Península Ibérica. São de realçar as grandes zonas arrelvadas de acentuado impacto em complexos turísticos.

A amplitude dos arruamentos permite desafogado estacionamento automóvel e lugar para os crescidos passearem e as crianças brincarem. Os nossos parabéns aos arquitectos que desenharam tal desafogo.

No entanto a Aldeia do Golfe prossegue no seu alargamento, prevendo-se um total de cerca de 220 moradias o que corresponde a 530 quartos e a 1260 camas. Traduzindo tudo isto por escudos, a previsão de capital investido pela Norwest Holts, na Aldeia do Golfe, será de 200 mil contos.

No aldeamento Golférias já estão numerosas vivendas em construção e algumas até habitadas. Em todos elas se evidencia a aplicação de inovações para as donas de casa.

A primeira fase compreende cerca de 209 apartamentos de dois tipos (um e dois quartos) em grupos dispostos por praças, cada qual com características próprias.

Fazem ainda parte da importante construção amplos terraços e pátios com floreiras, os quais permitem viver ao ar livre e gozar a frescura da sombra das pérgolas cobertas de trepadeiras.

Golférias disporá de todos os apoios necessários a um empreendimento de elevado nível, in-

cluindo piscinas, restaurante, «snack-bar», supermercado, discoteca, «boutiques», etc.

Tivemos oportunidade de ver alguns exemplos de apartamentos-moradias, que mobilados com requinte, estão apetrechados com sistema de ar condicionado.

Além da revalorização constante dos apartamentos da Golférias, dada a sua localização em Vilamoura e a existência de equipamentos de apoio, a nível internacional, está previsto um aumento de rendimento anual para os proprietários. Assim, foi montado um serviço de exploração ao dispor dos interessados, que se ocupará do aluguer dos seus apartamentos.

A primeira fase de Golférias, está orçada em 160 mil contos. A segunda, compreende cerca de quatrocentos apartamentos, o que equivale a oitocentos quartos e 1200 camas.

O administrador da empresa, Joseph Manuel Ferrade, dirigindo-se aos jornalistas, anunciou também que na zona de Santo António do Alto, em Faro, se iniciava a construção de outro importante empreendimento de que fazem parte cerca de 250 apartamentos e que nesta urbanização estava prevista a introdução de novas ideias.

Por tudo isto e pelo muito mais que está por fazer se conclui facilmente que Vilamoura já é uma realidade turística de alto nível.

Banco Português do Atlântico

Por ter sido nomeado Adjunto da Direcção de Agências do Banco Português do Atlântico, deixou de exercer as funções de gerente da Agência de Faro daquele Banco, o nosso estimado assinante, amigo e conterrâneo sr. Francisco Daniel.

Para o substituir no referido cargo foi nomeado o sr. Augusto Mendes de Oliveira Estudante, que já assumiu as suas funções.

Aos srs. Francisco Daniel e Augusto Estudante apresentamos as nossas felicitações, com votos do maior êxito nas suas novas funções.

Aconteceu em Quarteira

Continuação da 10.ª pág.

só em princípios de Outubro, se «descobriu» que não havia onde dar aulas. Apressadamente se correu a Quarteira para encontrar uma solução de emergência.

Mesmo com tanta casa que está desocupada durante o inverno foi extremamente difícil encontrar acomodação para 400 crianças.

Essa solução foi encontrada e as aulas iniciaram-se em meados de Novembro... numa cave sem condições.

E aí que 12 professoras (a vila de Loulé tem 18) ministraram aulas a mais de 400 crianças. Na cave há falta de ar, de luz, e abunda a humidade.

Não está certo que se tivesse demolido uma escola numa época em que o Ministro de Educação Nacional proclama:

«Onde houver uma criança haverá uma escola».

O problema da demolição da velha (?) escola é, portanto, discutível. Mas é o ainda mais porque a capacidade do novo edifício pode estar ultrapassada antes de 5 anos.

E daqui a 5 anos, (e quem sabe se menos, se pensarmos no notável incremento de Vilamoura) terá o Estado que dispôr de mais uns milhares de contos para construir outra escola que substitua a agora tão precipitada e inexplicavelmente arrazada.

Estará certo?

Quando aprendermos a pensar em termos de futuro?

Não teria sido mais coerente deixar a velha (?) escola a funcionar e construir a nova num local afastado para servir crianças que morem ou venham a morar a alguns quilómetros daquela?

Se a Lusotur ofereceu aquele

Cimento da Cisul

Continuação da 1.ª pág.

Como o cimento para esta obra é gasto às toneladas, foi necessário instalar um silo para armazenamento, com capacidade para 15 toneladas de cimento a granel.

O transporte é, portanto, também feito a granel em camiões com capacidades variáveis entre as 15 a 25 toneladas.

A operação de descarga a que assistimos computou-se em 10 toneladas e foi realizada em cerca de meia hora, incluindo o tempo gasto no acerto das mangueiras.

O acontecimento foi assinalado com a presença dos 4 principais dirigentes da «PRECIPOR» firma associada da Cisul, e a quem foi confiada a venda de cimento e que são os srs.: Presidente Conselho de Administração: Eng.º Manuel António Baptista Meneses; Director Geral: Eng.º Carlos Nunes Ribeiro; Gerente Entrepósito de Loulé: Manuel António Carrasco de Brito; Gerente Entrepósito de Beja: Octávio José Alborraque Novais.



IMPRESSÕES DE VIAGEM - V

O que está por detrás da palavra Independência

NÃO É PRECISO IR LONGE

Bem perto de Angola, temos o exemplo do Congo ex-belga, que é comandado pelos americanos e cujas populações têm agora uma vida pior do que tinham antes da chamada independência. Que interessa aos americanos a promoção social dos congoleses ou que tenham doença e fome? E onde está a capacidade dos congoleses para enfrentarem esses problemas se o próprio Presidente da República passou, rapidamente de sargento a general, apesar de ser quase analfabeto?

Por aqui se pode ver onde estão as «boas» intenções dos inimigos que nos atacam. Na Zâmbia, são os americanos que comandam a exploração do cobre (90% da receita do país), mas a China pretende substituí-los, pois já lá trabalham 50 000 chineses a construir uma linha férrea. A presença chinesa na Tanzânia também é claro indicio daquilo que pode representar, para a África o tal «Perigo Amarelo».

Mais ou menos por toda a África independente (?) os negros estão no «poleiro» mas quem governa são brancos e amarelos que substituíram os belgas, os franceses e os ingleses.

Ora bolas para essa independência... Oxalá o Ocidente não reconheça tarde demais os erros que tem cometido em favorecer a entrada da China na África e em torpedearnos e veja como vivem.

Percebe-se que eles já compreendem que precisam do nosso apoio para se defenderem não só da cobiça estrangeira, como até da injustiça dos seus irmãos de raça que ainda mais os espoliariam se os abandonassem.

Os povos da África Portuguesa que estão do nosso lado em esmagadora maioria desejam a nossa presença e colaboram connosco, já conscientes que esse é o melhor caminho para o seu futuro. Se assim não fosse, uns escassos milhares de

soldados brancos não bastariam para suportar a actual situação em Angola.

Os nossos inimigos não podem alimentar ilusões de que podem substituir-nos porque falhou redondamente o seu projecto de que arrastariam as populações para o seu lado. E nós só podemos vencer esta guerra subterrânea porque a população aderiu aos nossos conceitos de vida e já sabe que eles são válidos.

ERROS DO PASSADO REFLECTIDOS NO PRESENTE

Temos que reconhecer que se cometeram muitos erros, mas há uma coisa que ressalta à vista de qualquer um: é apontar erros cometidos 20 anos antes. Quer dizer aquilo que hoje fizemos e consideramos. E no entanto, hoje, nós podemos considerar não haver solução mais válida de que aquela que estamos vivendo. E isto até nas coisas mais da nossa vida particular ou comercial quanto mais com problemas de tal ordem transcendentes e complexos que ninguém pode prever, face a movimento explosivo por que o Mundo experimenta em cada década.

E não nos esqueçamos que cada década futura equivale em Temor de progresso e de transformação psicológica, a 50 anos que antecederam a década de 60. Assim como a Revolução Francesa provocou profundas alterações na sociedade à escala mundial, assim o terrorismo em Angola fez-nos acordar de um sono letárgico frente a realidade tão evidentes hoje até nos deixam perplexos.

Mas não cheguemos ao exagero de se dizer que «só depois de 61 se fez alguma coisa em Angola». Antes de 61 já havia muitos projectos e obras em marcha. O que andariam era menos rapidamente e com menos força.

No Algarve não houve terrorismo e é notório o progresso aqui registados nos últimos 10 anos!

(continua)

Da decisão nasce a Luz

Não é só da discussão que pode nascer a luz, pois também (e sobretudo) a claridade pode vir duma decisão oportuna e coerente.

E senão vejamos.

Tantas têm sido as vozes de protesto contra a CEAL, companhia sobre a qual incidem as principais responsabilidades na prestação do serviço de fornecimento de energia eléctrica, que se pode afirmar que todo o Algarve (leia-se a Imprensa regional) está descrente da conhecida expressão latina «fiat lux»... e vai confiando, pelo sim pelo não, na vela de cera ou no candeeiro a petróleo!

A situação é insustentável.

A proximidade das noites invernosas faz ainda realçar mais poderosamente o temor da falta de luz.

Os responsáveis, aliás, estão conscientes da situação. Mas quem indemniza o comércio, o turismo, os particulares pelos imensos prejuízos que os constantes «cortes de energia» provocam? Mistério!

No entanto, a recente criação da Federação dos Municípios foi, com efeito, um renascer de esperanças para todos aqueles que esperavam uma tomada de decisão verdadeiramente eficaz. O Governo pretende, de vez, levar a luz aos mais afastados recantos do território português. A tarefa está em marcha.

Claro, por vezes a «máquina» ainda emperra...

O concelho de Loulé, neste momento, vive em expectativa. E ouve-se, com frequência, a exclamação: «Então, parece que desta vez vamos ter luz!»

Querência e Barreiras Brancas verão brevemente satisfeita a sua grande aspiração. Outras localidades nossas vizinhas também não esperarão muito até poderem dispor da energia eléctrica. Podemos, portanto, dizer que tudo deverá tomar um caminho mais consentâneo com os interesses de todos nós.

Evidentemente, neste Inverno ainda sofreremos alguns dissabores. É inevitável.

Repetimos, todavia: da decisão nasce a luz. Pensando assim, estamos certos que interpretamos o «movimento para a luz», essa luz tão desejada e de que hoje já não podemos facilmente prescindir.

Para mobílias e adornos

PREFIRA A

CASA SIMÃO

(A MOBILADORA)

Telef. 62110

LOULÉ

PAGAPOUCO



«VERSOS DE POETA POBRE»

José Mira é um homem corajoso. E dizemos que o é porque, sinceramente esta «mania» de escrever versos é uma «válvula de escape» que ainda assim custa cara — daí ser preciso ter verbas com o publicação de um livro de versos, em edição do autor, sabe-se lá para que esquecimento...

«Versos de Poeta Pobre», assim se intitula o livro que José Mira enviou à nossa redacção, há algum tempo, e que só agora podemos fazer referência.

Que inovações nos traz este poeta? Verdaderamente nada de novo. Aliás José Mira adverte oportunamente o leitor afirmando «não ter grandes pretensões» com este seu trabalho. E todavia, não regatearemos ao autor a sua condição de poeta, senhor daquela sensibilidade e experiência da vida (José Mira é de facto «pobre», pois que se viu obrigado a emigrar, sendo algumas das suas poesias escritas com o travo amargo dessa condição), que, não sendo o principal em Arte, não podem contudo, ser menosprezadas.

José Mira tem, todavia, uma intenção: «fazer algo de válido». Tê-lo-á conseguido? Cremos que sim. Romper o silêncio é já em si qualquer coisa de louvar. E há tantos que, em silêncio fazem o que não deviam! José Mira assinala-os no seu livro. Aqui deixamos um «exemplo» à meditação do leitor:

«Roubou bastante,
foi tratante,
tunante.
Depois,
comprou um
ou dois...
Ao cabo
e ao resto,
acabou
um homem
honesto!»

AGRADECIMENTO

AO Ex.^{mo} SR. DR. ROCHETA CASSIANO

Humberto dos Santos Viegas torna público o seu reconhecimento ao Ex.^{mo} clínico, Dr. Armando José Rocheta Cassiano, pelas atenções que lhe dispensou durante o longo período da doença de sua finada mulher em que demonstrou elevado saber e competência profissional, transmitindo à doente o calor humano que tanto necessitam os que sofrem.

Humberto dos Santos Viegas

O Algarve luta contra a poluição

Desceram para estudo, na Direcção dos Serviços de Saneamento da Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos do Ministério das Obras Públicas, quatro propostas concorrentes à adjudicação da empreitada de construção da primeira fase (transitória) da estação dos esgotos, comum aos concelhos de Loulé, Albufeira, a construir na zona de Vilamoura.

Este melhoramento, que se integra no Plano de Infraestruturas Urbanísticas executado pela Comissão Regional de Turismo do Algarve, visa garantir a preservação da limpeza das praias e águas que banham aquela zona (de forte densidade habitacional e grande afluência turística).

A lógica da C.P.

● criticada pelo Jaiminho

sr. director,

Como vossemecê sabe (ou não), a minha avó Felizmina sofre de pedras nos rins, há dias deu-lhe uma cólica tão grande que teve de ser transportada de urgência para Lisboa (o que ela sofreu, coitadinha, nas curvas do Caldeirão) e então, anteontem, eu fui à capital do nosso querido PORTUGAL (com maiúsculas e rima) para ver a minha avó, como os meus pais estão na França fui com o ti Manel Fazendeiro que é uma pessoa que não se deixa enganar com as cautelas dos vigaristas lá de Lisboa, que sabem mais que a justiça de Lagoa, pois os meus pais dão algum larjam ao ti Manel para ele cuidar de mim quando a minha avó adoecer com as cólicas, bem, sr. director, a gente foi de comboio e logo ali na estação de Loulé uma senhora gorda disse ao ti Manel «homenzinho compre bilhete de primeira senão a criancinha (era eu) chega a Lisboa doente porque não deve haver lugares para irem sentados em segunda», o ti Manel comprou e lá fomos pró comboio, mas bem dito bem feito, tanto em primeira como em segunda, iam já dezenas de pessoas de pé, isto era no comboio das 17,45, aquilo era um inferno, sr. director, senhoras com crianças ao colo, velhotes, militares, tudo misturado e aos empurrões, e olhe que era dia de semana, pois isto já sucede sempre, conforme diziam dois senhores meio carecas que fazem muitas vezes a viagem Lisboa-Algarve, quando chegámos a Albufeira, Tunes e por aí adiante já não se rompia no comboio, muitas pessoas dormindo no chão, bancos com 5 e 6, e nós lá íamos de pé também, olhando para as luzes acesas (cada carruagem tem mais 20 lâmpadas mas só acendem 4 que é para não se ver a pouca vergonha da gente pagar bilhetes de primeira e ter de ir de pé até Lisboa) e desejando que chegassemos ao fim da viagem, ora isto, sr. director, não está nada bem porque a C.P. está-se nas tintas para os rins de cada um, e é por isso concertiza que há muitas pessoas como a minha avó a sofrer, mas então os srs. administradores ganham montes de pilins e a gente nunca mais tem comboios e linhas decentes, então ainda estamos no tempo dos cóbóis, com assaltos e tudo, olhe, sr. director, ao menos a C.P. podia montar em Lisboa um hospital só de amanho dos rins, porque assim agente chegava lá doentes e ficávamos logo internados, não é, matavam-se dois passageiros de comboio com a mesma cajadada, e assim é que estava tudo resolvido, quanto à minha avó Felizmina está melhor muito obrigado, e só teve uma crise mais aguda quando lhe disseram que tinha de regressar ao Algarve num destes comboios que o destino eterno nos concedeu, e se calhar não tinha razão???

abraços do amigo,

JAIMINHO

«A rapariga ideal de 1974»

A exemplo do ano transacto, a Mocidade Portuguesa Feminina volta a promover este ano o Concurso «A Rapariga Ideal», aberto a todas as raparigas portuguesas de idade entre os 15 e os 17 anos e que visa escolher a jovem que revelar maior valor nos seguintes pontos:

- Actuação adequada à sua situação na vida familiar, escolar, profissional e social;
- Cultura geral compatível com a idade;
- Tratamento e educação de crianças;
- Governo, arranjo de casa e prática de actividades domésticas;
- Prática de alguma actividade desportiva e ou artística;
- Apresentação reveladora de simpatia, delicadeza, simplicidade de bom gosto e ordem no arranjo pessoal;

Numa primeira fase do Concurso as jovens terão de responder a um questionário cujos exemplares ou a ficha de inscrição no Concurso ou ainda qualquer outro esclarecimento, podem ser pedidos ao Comissariado Nacional da M. P. F. (Rua Artilharia Um, 105-1.º, Lisboa, 1), às Delegacias Regionais da M. P. F. ou, nas províncias ultramarinas, aos respectivos Comissariados Provinciais.

Está demonstrado

Que o caminho do Cooperativismo é o que melhor serve a lavoura.

Dê a sua adesão à Cooperativa de Loulé.

Depois de uma primeira selecção, feita por um júri nomeado pelo Comissariado Nacional, as jovens seleccionadas em cada distrito ou província ultramarina prestarão provas práticas nessa região, em data a indicar oportunamente, e as finalistas deslocar-se-ão a Lisboa, de 31 de Março a 7 de Abril de 1974, para prestar as provas finais.

As despesas de organização das provas, deslocação a Lisboa, e alojamento das finalistas ficarão a cargo do Comissariado Nacional, com a comparticipação dos Comissariados Provinciais para as candidatas ultramarinas.

Os prémios a atribuir serão bastante aliciantes.

Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve

Cerca de 140 alunos inscreveram-se nos cursos de Recepção, Andares, Bar, Cozinha, e Mesa, ministrados na Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve, que recentemente iniciou o novo ano lectivo.

Deste modo, a Escola de Hotelaria (para a qual foram agora promovidos a Subdirectores os srs. Estéban Medel do Carmo e António Valério Teixeira Ramires que, desde há cerca de três anos, vinham desempenhando as funções de Assistentes da Direcção) cabalmente vem cumprindo a sua útil tarefa — preparar futuros profissionais para a indústria turística, de que o Algarve tanto espera.

À ÚLTIMA HORA

Como este jornal mais uma vez saiu atrasado (contrariedade de que não somos totalmente culpados) ainda podemos dizer que, como resultado da última reunião promovida pela **Santa Casa da Misericórdia**, admite-se a hipótese (aliás bastante provável) de se realizarem as **BATALHAS DE FLORES DE 1974**.

A Direcção e numerosos sócios (jovens) do **Atlético** querem contribuir para a realização das **Festas**.

Que se dê continuidade ao Carnaval de Loulé!

Dizem que não haverá Carnaval em Loulé

• Continuação da 1.ª pág.

tendimento entre o Hospital e o Louletano Desportos Club. Mas não só esta colaboração não estava razoável e equilibradamente fundada, pois uns tinham o trabalho todo e os outros dando meia dúzia ou uma dúzia de chassis velhos arrecadavam 60% 1.º, e 50% depois, da receita líquida, como faltavam as necessárias estruturas que impedissem que o Carnaval fosse decrescendo progressivamente de nível a ponto de nos últimos tempos ser feito mais para caçar dinheiro do que como espectáculo artístico com gosto e como motivo de atracção.

Este ano, posto de novo e à última hora o problema ao Louletano para colaborar a realização dos festejos do Rei Momo, este desinteressou-se por escassez de tempo, de mão de obra qualificada e de pessoas que estivessem dispostas a sacrificar o seu conforto e bem estar para arcar com a responsabilidade da Organização! O Louletano mudou de direcção e alguns dos eternos sacrificados ao bem comum estão de fora e os que os substituíram não estão dispostos a submeter-se ao mesmo sacrifício.

Não se lamentem os louletanos da falta da sua festa maior, imputando as responsabilidades ao seu principal clube desportivo pois isso é falsear a realidade: 1.º porque a missão do Louletano é bem outra, fomentar o desporto, a cultura física, embora da organização do Carnaval fosse fundos para fazer face à realização dos seus objectivos. Mas isto já era anormal, pois uma Vila com a população de Loulé e o seu poder económico devia contribuir como associada para dar ao Louletano os fundos necessários para bem desempenhar o seu imprescindível papel de fomentar a cultura física e o desporto, no seu melhor sentido; 2.º porque para o clube colaborar na organização do Carnaval, a realizar numa época em que estão em actividade o maior número dos seus atletas, teria que distrair das suas tarefas essenciais os directores que escasseiam em número e ainda mais em espírito de dedicação e de sacrifício.

Então quem são os verdadeiros culpados de todos os anos estar em dúvida a realização do Carnaval, e praticamente comprometida para o próximo?

Parece-nos quem em 1.º lugar é a Santa Casa da Misericórdia de Loulé — Hospital, não porque esse dever lhe incumbisse a ela em 1.º lugar, mas porque é a sua organizadora há muitos anos. Sim, desde há muito que se tem constatado que o Carnaval só podia ser uma verdadeira festa dentro das melhores tradições louletanas, se se construísse um grande armazém onde se guar-

dassem os chassis e armações dos carros de um ano para o outro, o que teria a grande vantagem de permitir de uma equipa de pessoas qualificadas, contratada ao ano, para trabalhar apenas com este objectivo, o que era perfeitamente justificável e compensador atentas as receitas que o Carnaval costuma trazer. Há muito que se fala no cérebro armazém, mas nunca mais se começou não por falta de verba nem sequer por objecções das entidades que deviam aprovar o projecto, mas apenas porque é uma obra de interesse público e não particular, pois de outro modo há muito se teriam removido todos os obstáculos.

Afinal este estado de coisas não é mais do que a afloração de um princípio geral: as comunidades deixaram de se interessar por aquilo que para elas é um bem, pois os indivíduos que as formam só se interessam por aquilo que lhes trará interesses pessoais e imediatos. Daí que se deva dizer que os louletanos têm tido o Carnaval e as instituições que merecem e se o não tiverem este ano é também porque o não mereciam!

Os 2.ºs grandes culpados são a Câmara Municipal de Loulé e a Comissão Regional de Turismo. Aquela porque sendo Loulé das poucas vilas do País que não tem a sua festa, se considerava o Carnaval como tal e tem faltado com o apoio que devia; esta porque sendo o Carnaval uma festa de grande interesse turístico pois se realiza numa época em que pouco mais há no Algarve do que as amendoeiras, a largar as últimas flores para distração e devaneio dos turistas, se tem limitado a acenar-lhe de muito longe com pouca simpatia e menor ajuda.

Os 3.ºs grandes culpados são os louletanos por nascimento ou por coração. Se o Carnaval não se faz é um muro interminável de lamentações de todos, especialmente dos comerciantes. Mas que têm feito para o Carnaval ser uma realidade à altura das melhores tradições e sobretudo dum espectáculo do fim do século XX?

Ainda acreditamos que todos os culpados deste estado de coisas se dêem as mãos e se festeje o Carnaval ao menos com o nível dos últimos anos e que tudo se melhore para o futuro. A não ser assim, temos de concluir como no último número deste Jornal: Os Louletanos pelo nascimento ou pelo coração, renegando as tradições dos seus antepassados ou ainda dos seus bons tempos, não são dignos de serem chamados Louletanos. Senhores onde vai o nosso tão apregoado Bairrismo? Foi também avassalado pelos costumes e ensinamentos dos turistas que nos rodeiam por toda a parte?

J. D.

20 anos depois

• Continuação da 1.ª pág.

Grande Português, ou, simplesmente, um Homem.»

...

20 anos depois de inaugurado o monumento a Duarte Pacheco, e de que os louletanos justamente se orgulham, não podemos esquecer o nome daquele que foi o seu principal obreiro: Raul Pinto.

Como chefe da Secretaria da Câmara de Loulé e louletano interessado em tudo o que significasse progresso para Loulé, Raul Pinto congregou boas vontades, forçou influências, dinamizou ideias, pressionou camaras de todo o País a colaborarem e trabalhou muito mas conseguiu o seu sonho: construir em Loulé

(terra Natal de Duarte Pacheco) um monumento que perpetuasse a memória do mais ilustre dos seus filhos.

Loulé ficou engrandecida com essa obra e deve estar agradecida a Raul Pinto pelo que tem trabalhado por ela.

VENDE-SE

Vende-se uma mesa em ferro com tampo em mármore.

Tratar com: João Martins Rodrigues, Av. José da Costa Mealha, 41 — Loulé.

AS PISCINAS DE LOULÉ

Embora não possamos dar ainda notícias concretas acerca dos vários problemas relacionados com as Piscinas de Loulé, podemos no entanto dizer que, longe de arrefecer o entusiasmo pela iniciativa, (o frio de Dezembro em nada influi) a «Solarium» continua a diligenciar no sentido de arrancar em frente e em força.

Logo que possível daremos pormenores mais positivos.

O Carnaval de Loulé ou o sono mascarado?

• Continuação da 1.ª pág.

forma alguma, ser negligenciada.

Em boa hora, portanto, «A Voz de Loulé» decidiu (como tem feito nos últimos números) alertar as consciências para o perigo que correm as já tão conhecidas «Batalhas de Flores» de Loulé, cuja realização se torna cada vez mais problemática.

Incompreensivelmente (esclareça-se que os festejos carnavalescos de Loulé rendem todos os anos centenas de contos), não há uma entidade que decida, de uma vez, tomar as responsabilidades inerentes à garantia de uma continuidade normal. Mesmo sabendo que os lucros são, como têm sido, quase sempre certos e elevados. Na verdade, não se compreende.

A não ser...

...Bem, a não ser que haja por

ai muito «sono mascarado»... dando, por conseguinte, inteira razão aos que protestam afirmando: «Só trabalharemos para o Carnaval de Loulé quando ficar assente que começaremos no dia seguinte à 4.ª feira de cinzas». Quem é que pode discordar do significado destas palavras?

Seja portanto a Mesa da Santa Casa da Misericórdia, seja o Louletano, a Câmara ou a Comissão Regional de Turismo do Algarve (já esta entidade terá sido consultada? Talvez não fosse assim tão difícil arranjar carpinteiros, outra mão-de-obra e material...) a promoverem a «Batalha de Flores», o que nos parece é que estas manifestações festivas adquiriram já tão grande nomeada que será de lamentar se perca o que se conseguiu ao longo de tantos anos.

Poderá haver, em Loulé, muitos «espíritos malignos» (terri-

Futebol

Resultados obtidos pela equipa de Juvenis do Louletano Desportos Clube, no Torneio Distrital do Algarve, Zona Sotaventina:

Louletano, 0—Lusitano, 3
Louletano, 1—S. Luis, 4
Tavirense, 1—Louletano, 0
Olhanense, 3—Louletano, 2
Louletano, 0—Farense (A), 0

O Louletano tem alinhado normalmente com:

Tomazinho; César, Francisco João, Jorge e Espada; Luzia, Carlos Alberto e Sebastião; Eduardo, Clara e Vitor.

Suplentes Deodato e Oliveira:

Zona Barlavento:

Portimonense, 4—Quarteirense, 0
Quarteirense, 1—Lagos e Benfica, 2
Quarteirense, 1—Lagoa, 0
Quarteirense, 1—Silves, 2
E. de Lagos, 1—Quarteirense, 2

JUNIORES

Com resultados infelizes, para as agradáveis exhibições que tem vindo a realizar, o Louletano, não tem a classificação que realmente merece, neste Campeonato Distrital de Juniores, cuja 1.ª volta termina no próximo Domingo em Loulé, com o encontro Louletano-Lusitano de Vila Real.

RESULTADOS

Olhanense 6—Louletano 0
Louletano, 4—Silves, 1
Portimonense, 1—Louletano, 1
Louletano, 2—Faro e Benfica, 1
Esperança de Lagos, 1—Louletano, 0

Têm alinhado pelo Louletano:

Bernardo; Torres, Feijão, Henrique Raminhos, Manuel, Aleixo e Artur; Orlando, Norberto e Adelino.

Suplentes: Felício, Curiel, Arsénio e Octávio

ARMINDO VAZ

COMPANHIA INDUSTRIAL DE

CIMENTOS

DO SUL S.A.R.L.

CISUL**aumento de
capital****de 40 000 para 150 000 contos****entrega dos títulos definitivos****A partir de 3 de Dezembro****próximo, poderão os Senhores Accionistas proceder
à troca das cautelas pelos títulos definitivos,
correspondentes à emissão de 110 000 novas acções.****Para o efeito, as cautelas
deverão ser apresentadas nos locais de subscrição
e estar assinadas pelo respectivo titular ou
seu representante legal, devidamente identificados
mediante exibição do bilhete de identidade,
reconhecimento notarial ou abonação bancária.****Lisboa, 28 de Novembro de 1973****O Conselho de Administração**

Atlético: a Juventude

por JOSÉ M. BOTA

Sábado 27 de Outubro. A atmosfera até não parecia nada apostada em escancarar as portas do sol. Mas fosse como fosse, havia gente no Estádio Campina. Jovens! Quebrando as correntes do comodismo e o sorriso sebenito dos cépticos. E aconteceu desporto. Aconteceu atletismo.

Superior à competição dos lugares, às cores das camisolas, à ganância medalhística, houve camaradagem, convívio desprentencioso, ajuda entre atletas, organizadores e organizadores-atletas.

Foi o primeiro encontro da Festa de Atletismo promovida pelo Sporting Clube Atlético onde uma equipa jovem a cem por cento trabalha activa e dedicadamente por um preenchimento dos tempos livres numa acção séria e desalienada da juventude da nossa terra. E é-nos grato verificar que essa acção se prolifera igualmente em diversas secções além da desportiva, e para as quais a rapaziada tem recorrido em número muito apreciável, formando um grupo entusiasta, trabalhando num lote de iniciativas que na verdade merecem todo o apoio e simpatia.

Para melhor nos esclarecer sobre a renovação da actividade no Sporting Clube Atlético tivemos um «bate-papo» com Valter Contreiras, membro da actual direcção:

P — Quais são especificamente os objectivos da direcção do Atlético ao levar a cabo esta Festa de Atletismo?

R — Em primeiro lugar, interessa que se reúnam pessoas, agregá-las numa prática desportiva diferente do normal, mais pura, mais salutar. Surgiu como uma necessidade dos próprios atletas que são eles próprios que regem a presidem à realização dos jogos. São eles os orientadores e controladores do processo na prática. Portanto os indivíduos realizam-se como praticantes e como organizadores.

P — E a juventude tem realmente correspondido?

R — Sim, acho que sim. E cada vez mais. Acreditamos profundamente na malta.

P — Qual tem sido e qual vai ser a actividade do Atlético?

R — Em primeiro lugar, começamos pela base, isto é, pela se-

de. Remodelámos a biblioteca e promovemos a sua ampliação. Tentamos dar um aspecto às instalações actuais do Clube, pondo-as mais de acordo com a idade das pessoas que neste momento frequentam o Atlético.

Por outro lado está em vista criação de uma secção de música criteriosamente seleccionada aberta a toda a gente, o que aliás é a tendência actual por que se rege a colectividade.

Neste momento temos contacto com dois grupos de teatro: a conhecida «Comuna» e o Grupo Escalabitano «Veto». Aliás espera-se a vinda da «Comuna» logo após o seu regresso de uma digressão ao estrangeiro.

P — Desculpa interromper, mas e o Atlético em si não pensa fazer teatro?

R — O teatro nunca esteve arredado dos nossos propósitos, das nossas necessidades, simplesmente neste momento, por diversos factores não nos é possível fazê-lo mas que esperamos suprá-los em breve.

P — Contam com algum apoio de outra entidade oficial ou particular?

R — Recebemos 600\$00 mensais da Câmara, subsídio que aliás é concedido a todas as colectividades da vila.

P — Como queres rematar esta nossa conversa?

R — Lanço um apelo a todas as pessoas que cá queiram vir para não terem problemas, que nós cá estamos de braços abertos. Temos muitas tarefas a realizar e que certamente serão do seu (nosso) agrado.

Um ex-clarim da Flandres publica um livro aos oitenta e sete anos

Aos 87 anos de idade, um ex-clarim da Flandres, regressado à Pátria, cheio de condecorações e os galões de contra-mestre a brilhar na farda, para se tornar revisor dos caminhos de ferro, ainda encontra disposição e ânimo para publicar um livro. É Pedro de Freitas, nome da nossa música popular, nascido em Loulé (onde, como se sabe, viveu esse admirável António Aleixo), mas há muito fixado no Barreiro.

Escritor por vocação, e conseguindo superar com inteligência, habilidade e argúcia, os naturais inconvenientes da falta de preparação escolar, Pedro de Freitas, mal regressara dos campos de batalha na França, publicava «As Minhas Recordações da Grande Guerra», volume de 400 páginas, hoje impossível de conseguir. Em 1946, dava à estampa a «História da Música Popular em Portugal», a que haviam de seguir-se outros livros, nomeadamente o curiosíssimo «Quadros de Loulé Antigo».

Pois é esse ex-clarim da Flandres que nos oferece agora o volume «Recortes dos Jornais de Faro e Loulé», para o qual o dr. Mário Lyster Franco escreveu um interessantíssimo prefácio. (In «Diário de Lisboa»).

N. R. — Estamos em crer (embora o nosso amigo e colaborador diga que não) que a pena de Pedro de Freitas ainda nos há de dar novas e interessantes obras. Aos 87 anos muito coisa se pode ainda fazer!

Os CTT fazem diligências para melhorar os serviços em Quarteira

Da Secretaria de Estado da Informação e Turismo recebemos a seguinte informação acerca dos Correios de Quarteira:

«O jornal «A Voz de Loulé» no seu número de 21/8/73 publicou comentários acerca dos serviços na Quarteira: atrasos na expedição de correspondência e insuficiência das respectivas instalações.

Informam, a propósito, os C.T.T. que o primeiro dos inconvenientes apontados resultou de dificuldades no guarnecimento da dotação de carteiros, numa ocasião de sobrecarga de tráfego, como é a época balnear.

No que respeita à estação, está projectada a sua reinstalação, bem como a criação de posto de correio, telegrafo e telefone para a descongestionar.

Isso não foi ainda possível, por não serem encontrados edifícios adaptáveis; mas prosseguem as diligências para que, no mais curto espaço de tempo, o problema fique solucionado.»

Fazemos os nossos votos de que a prometedora Quarteira em breve, no mais breve tempo, a desejada dimensão que o futuro exige, quer através dos serviços públicos, quer por meio das acções das entidades privadas, em ordem à concretização de um progresso dia a dia mais indispensável.

Acreditamos piamente na boa vontade dos C.T.T. em resolver o problema das instalações da nova estação de Quarteira, mas duvidamos muito que a Administra-

ção dos C.T.T. tenha «coragem» para comprar ou alugar, agora, uma casa em Quarteira. Com preços tão elevados de aluguer, venda de prédios e de terrenos, não acreditamos que seja fácil resolver, em Quarteira, o problema das novas instalações dos C.T.T.

Perderam-se boas oportunidades e agora vai ser difícil. A administração dos C.T.T. já sabe disso. A menos que apareça, em Quarteira, alguém que seja capaz de um certo sacrifício para ajudar ao progresso de uma terra lançada ao futuro.

Celestino de Matos Domingues

No 23.º Congresso da Associação Internacional de Turismo que decorreu recentemente na Áustria, participou o sr. Celestino de Matos Domingues, membro da Comissão Executiva da C. R. T. A.

Aquele nosso amigo, que é um atento estudioso do fenómeno turístico, continua dando importante contributo para o desenvolvimento da indústria turística no Algarve.

A melhor qualidade ao melhor preço.

Visite o

Mercado Amazona

O DECALOGO DO ATLETA

1. Sê sempre honesto.
2. Dá sempre o teu melhor a competição, mesmo que sintas a vitória a fugir-te.
3. Conserva-te calmo durante a competição e não te deixes arrebatar por actos irreflectidos.
4. Obedece aos regulamentos dos jogos em qualquer circunstancia e vive conforme as regras da vida atlética sã.
5. Reconhece o valor do teu adversário e felicita o vencedor. Não procures desculpas para a tua derrota e não guardes rancor.
6. Se fores vencedor mantém-te modesto e reconhece os esforços dos vencidos.
7. Conduz-te de maneira correcta em relação aos juizes, às entidades desportivas e ao público.
8. Não negligencias a tua ocupação particular, pois é ela que te assegurará o teu futuro social. Não procures fazer profissão do desporto.
9. Não esqueças que à medida que obtiveres melhores resultados maiores serão as tuas obrigações quanto à salvaguarda dos princípios do espírito olímpico, porque te tornarás, um «ideal» da Juventude que toma os teus actos como exemplo.
10. Luta unicamente por amor ao desporto e procura progredir sempre.

(In «Diário de Lisboa»)

Há no Algarve 2.000 crianças com o seu futuro em perigo

QUEM LHES ACODE?

Nos 2 últimos números deste jornal relatámos algo acerca do que ouvimos em recente reunião da Associação Algarvia de Pais e Amigos de Crianças Diminuídas Mentais. Mas a matéria é de tal modo abundante e ficámos tão impressionados com o que ouvimos acerca do estado mental das 2 000 crianças algarvias que sofrem de deficiências mentais, que não pudemos deixar de, a esse propósito, tecer mais algumas considerações:

O ESTADO DA BASTANTE MAS NAO CHEGA

Assediado por centenas de pedidos congêneres de todo o País, o Estado não tem podido a todos satisfazer conforme as carencias de cada um e por isso ainda é necessário que os algarvios se compenrem que têm uma obra que merece ser ajudada: a Associação Algarvia de Pais e Amigos de Crianças Diminuídas Mentais. As 2 000 crianças algarvias cujo estado de saúde mental exige atenções especiais não podem esperar que o Estado resolva todos os problemas do País neste aspecto e lhes dê a assistência que precisam.

É aqui, e agora, que é preciso, que é urgente, fazer alguma coisa por essas crianças. E se essas crianças podem ainda ser recuperadas para a sociedade é porque no Mundo inteiro, psiquiatras, médicos, cientistas e homens de boa vontade se têm dedicado ao estudo profundo desses problemas. E se em Faro já pode ser feita alguma coisa nesse sentido é porque abnegadas dirigentes da Associação Algarvia P. A. C. D. Mentais se têm deslocado à Suíça, à Alemanha, à Holanda e à Espanha e aí têm procurado desvender descobertas que a ciência tem feito para aliviar a dor dos que sofrem e recuperar inválidos.

Faro já tem professoras especializadas e dirigentes dedicadas que apaixonadamente vivem os problemas de tantos lares algarvios onde a doença coabita com a infelicidade. Agora faltam os meios financeiros que permitam não só manter a obra como ainda alargá-la em termos de mais amplas instalações e maior capacidade de assistência.

Na reunião a que nos referimos foi ventilada a ideia de se pedir um subsídio mensal a todas as Câmaras do Algarve e até a associações particulares para levar junto do público o conhecimento das duras realidades que o rodeia e pedir a sua colaboração para auxílio a uma obra que a todos os algarvios deve interessar.

O sr. Presidente da Câmara de Olhão concordou inteiramente com a ideia e prometeu a entrega de um subsídio mensal. Porém, o Presidente da Direcção da Casa dos Rapazes aproveitou a circunstância lamentar que as Câmaras do Algarve tenham colaborado tão pouco na manutenção de uma obra de tão profundo alcance social como é instituição que dirige pondo, por isso mesmo, as suas reticências na concretização dessa ideia.

Mas o problema é de tão transcendente importância que a direcção da Associação terá que pedir ainda mais ao Estado, terá de pedir às Câmaras e a particulares, terá que fazer a que for humanamente possível para acudir a tanta criança cuja saúde mental corre perigo. Quer mantendo contactos com as mais evoluídas técnicas, quer fazendo deslocar ao estrangeiro duas suas professoras para participarem em cursos altamente especializados, a A. A. P. A. C. D. M. está realizando uma obra meritória possibilitando até o tratamento e de reeducação da fala. Falando fluentemente acerca

de problemas em que está profundamente integrada, a Superintendente da Associação, sr.ª D. Maria Inês Coutinho frizou a importância da relação entre alimentação, o estudo e o trabalho e quanto a subtruição influencia a carencia do desenvolvimento mental da criança, chamando a atenção para o facto de o desconhecimento quasi geral de princípios básicos dum regime alimentar equilibrado ser causa principal de tantas doenças, recomendando que cada um de nós deve procurar uma alimentação tão variada quanto possível, porque é essencial à saúde, pois é tão prejudicial comer bife todos os dias como peixe diariamente. Supomos que uma das afirmações mais chocantes para quantos assistiram a esta reunião teria sido a de saber-se que a ignorância e a incuria dos pais são 2 factores importantes para o crescimento dos índices de anormalidade que está a verificar-se nas crianças. Por isso considera-se que uma Campanha de Prevenção seria altamente benéfica para a saúde física e mental das novas gerações.

Esta campanha seria possível se a Associação A. P. A. C. D. Mentais pudesse contactar com voluntários. Se houver voluntários que queiram e possam servir a sociedade têm naquela Associação um lugar para dar largas ao seu espírito humanitário.

COLABORE

Na criação da Cooperativa Agrícola de Loulé.

Inscreeva-se como accionista.

Meia rua arranjada...

O resto se fará depois

Com agradável surpresa dos que a utilizam frequentemente, viu-se que estava a ser devidamente arranjada a 1.ª transversal entre as ruas Padre António Vieira e Marechal Gomes da Costa.

Ia, finalmente, ser calcetada toda uma rua de bastante trânsito e praticamente a única que, no centro da vila, estava ainda em péssimo estado.

Mas, surpresa das surpresas: as obras pararam a meio! Só metade da rua ficou calcetada... mas a custas da Sonap, que ali tem bombas de gasóleo.

Resta acrescentar que apenas ficaram faltando uns 20 metros de calçada, pois os passeios seriam feitos a custas dos 2 restantes interessados.

Foi decepcionante que a Câmara de Loulé não tivesse aproveitado esta excelente oportunidade de contactar com o mesmo empreiteiro e livrar-se de mais um problema que tem por resolver em matéria de arruamentos.

JUNTE SELOS

RETA

TROQUE POR BRINDES

V.ª de José Miguel Pinto, L.ª da

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

NOTÁRIO: LICENCIADO NUNO ANTÓNIO DA ROSA PEREIRA DA SILVA

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 27 do mês corrente, lavrada de fls. 61 a 63, do livro n.º B-73, de notas para escrituras diversas, do Cartório supra, o capital social da firma «V.ª de José Miguel Pinto, L.ª», que era de 800 000\$00, foi aumentado para 1 200 000\$00, tendo o aumento na importância de 400 000\$00, em dinheiro, resultado da incorporação de fundos de reserva expressos no balanço, no capital social, e tendo as quotas dos únicos sócios José Gonçalves Pinto e Dr. Rolando Pereira Galvão, sido aumentadas proporcionalmente, com as importâncias, respectivamente, de 250 000\$00 e de 150 000\$00.

Que foram unificadas, quanto a cada um dos referidos sócios, as quotas provenientes do aumento com as que já possuíam, e, em consequência, alterado o art.º 4.º, e ainda suprimidos e introduzidas alterações noutros artigos, como a seguir se indica:

Artigo quarto — O capital social é de um milhão e duzentos mil escudos, dividido em duas quotas: uma do valor nominal de setecentos e cinquenta mil escudos, pertencente ao sócio José Gonçalves Pinto; e outra do valor nominal de quatrocentos e cinquenta mil escudos, pertencente a Rolando Pereira Galvão.

Parágrafo único — O capital social poderá ser aumentado por deliberação da sociedade.

Artigo oitavo — A gerência fica a cargo de todos os sócios, que representarão a sociedade para todos os efeitos legais, com remuneração a estabelecer em Assembleia Geral.

Parágrafo primeiro — Poderão ser nomeados gerentes, pessoas estranhas à sociedade, podendo esta constituir mandatários, nos termos e condições que tiver por convenientes.

Parágrafo segundo — Qualquer dos sócios gerentes poderá estabelecer em favor de terceiros, procuração para que estes possam decidir e assinar, nos termos que entender.

Parágrafo terceiro — Toda a alienação ou aquisição de imóveis ou outros bens que não façam parte do comércio normal da sociedade, só poderá ser decidida com acordo de sócios representando pelo menos setenta e cinco por cento do capital social.

Artigo nono — Este artigo é eliminado.

Artigo décimo — Passa para o lugar do artigo nono, que foi eliminado, com a seguinte redacção:

Artigo nono — A assembleia dos sócios decidirá anualmente o destino a dar aos lucros.

Artigo décimo primeiro — Este artigo é também eliminado.

Artigo décimo segundo — Fica sendo o artigo décimo, com a seguinte redacção:

Artigo décimo — São da exclusiva responsabilidade individual dos gerentes ou seus procuradores que os firmem, as fianças, letras de favor e quaisquer actos que não digam respeito ao objecto social da sociedade.

Está conforme ao original.

Secretaria Notarial de Loulé, 29 de Novembro de 1973.

O 2.º Ajudante,

a) Fernanda Fontes Santana

2.º LUGAR PARA A REPRESENTAÇÃO PORTUGUESA NO CAMPEONATO DO MUNDO DOS BARMEN

A representação portuguesa ao «Campeonato do Mundo dos Barmen», realizado em Los Angeles (U. S. A.), ficou classificada em 2.º lugar. A equipa portuguesa era constituída por António Ventura Traquete (Totó) do Hotel Vasco da Gama; António Alfredo Fernandes (Tony), do Hotel Vilamoura, e Mário José Inocencio, da Aldeia Turística das Pedras d'El Rei.

«A VOZ DE LOULÉ»
V E N D E - S E
Na CASA ALEIXO
L O U L É

Justificação Notarial

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

NOTÁRIO: LICENCIADO NUNO ANTÓNIO DA ROSA PEREIRA DA SILVA

Certifico, para efeitos de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para escrituras diversas, n.º B-73, de fls. 77, v. a 79, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, outorgada ontem, na qual Manuel Murta Marum, e mulher, Francisca Raminhos Madeira, residentes no sítio do Poço Novo, freguesia de São Clemente, concelho de Loulé, se declararam donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrém, do seguinte prédio: urbano térreo, com três compartimentos, destinados a habitação e um compartimento destinado a comércio, com a superfície coberta de noventa e nove metros quadrados, no sítio do Poço Novo, freguesia de São Clemente, concelho de Loulé, que confronta do norte com Maria Mendes, viúva, do nascente com Juliana Silva Raminhos, do sul com Maria Raminhos Madeira e do poente com a Estrada Nacional, inscrito na respectiva matriz predial, em nome dele justificante marido, sob o artigo número três mil setecentos e oitenta e seis, com o valor matricial e atribuído de seis mil e sessenta escudos e não descrito na Conservatória do Registo Predial de Loulé.

Que este prédio lhes pertence, pelo facto do terreno sobre o qual foi feita a construção, lhes haver sido doado, por acto meramente verbal, por sua sogra e mãe, Juliana Silva Raminhos, viúva, residentes no sítio do Poço Novo, já referido, por conta da sua quota disponível, em data imprecisa de mil novecentos e cinquenta e dois, e nesse terreno eles justificantes haverem imediatamente edificado, à sua custa o prédio urbano atrás descrito, pelo que não têm documento que lhes permita fazer a prova do seu direito de propriedade em relação ao mesmo prédio, nem ser possível obtê-lo agora, pelo facto da doadora haver já falecido.

Está conforme ao original.

Secretaria Notarial de Loulé, 30 de Novembro de 1973.

O 2.º Ajudante,

a) Fernanda Fontes Santana

CENTRO
DE
TURISMO E INFORMAÇÃO
DA
CASA DO ALGARVE
EM
LISBOA

Aberto todos os dias úteis
das 14,30 às 19,30
Telef. 32 32 40

A razão duma posição

● Continuado da 1.ª pág.

tiva Agrícola, que até poderia entrar no campo da pecuária, dado a crescente escassez de carne. Apesar de lutarmos com uma tremenda escassez de tempo, aceitámos a sugestão e lançámos a publicamente. Falámos telefónica e pessoalmente com vários proprietários e todos eles (com excepção de apenas um) concordaram com a ideia, achando-a magnífica. Até ouvimos palavras de autentica euforia e ficámos espantados como é que uma coisa que nos diziam ser tão boa e necessária ainda não existisse. Mais: pareceu-nos que se impunha que isso se fizesse. Mais ainda: até tivemos promessas de pessoas que até eram «capazes de trabalhar» para a criação da Cooperativa.

Por fácil raciocínio era lógico pensar que tudo se conjugaria para a realização do sonho de alguns interessados.

E com o decorrer do tempo fomos descobrindo que a ideia era velha no concelho de Loulé pois já se pensara criar cooperativas em Loulé (vila) Alte, Salir, Boiliqueime, Vale Judeu, Querença, Almancil, na Tor, e no Ameixal, o que queria dizer que todo o concelho, com excepção da turística Quarteira, estava interessado em criar uma Cooperativa.

O ambiente era, portanto, propício ao lançamento da semente. Ficámos sabendo depois que todas as pessoas que tiveram a iniciativa foram forçadas a desistir... porque eram apontadas como «muito interessadas» na sua criação.

Para falar mais aberta e claramente: as pessoas até diziam que «se fulano quer a Cooperativa, é porque quer empregar-se lá ou empregar algum familiar».

Essa atitude foi de tal forma incisiva, maldosa, nefasta, perversa, infeliz, derrotista, caluniadora, satirizante, difamante, maliciosa e injuriadora que fez desistir quantos se «atreveram» a levantar o problema e trabalhar em prol do bem comum.

Soubemos de tudo isso mas não quizemos desistir porque ninguém nos pode apontar como «muito interessados». Antes pelo contrário: sacrificamos o nosso tempo e corremos o risco de perder clientes que, sendo comerciais, não queiram reconhecer as vantagens duma Cooperativa.

...FICAMOS QUASI SÓS

Depois daquela euforia inicial (que parecia duradoura) as pessoas que nos entusiasmaram em «ir para frente» ficaram indiferentes. Continuam interessadas, é certo, mas aquele pequeno gru-

«A Voz de Loulé»

● Continuado da 1.ª pág.

Verdade que não é fácil manter hoje um jornal. Desde o aspecto económico (os encargos subiram astronOMICAMENTE) ao problema pessoal — tudo exige cada vez mais força de vontade para que o desânimo não possa vencer. Diga-se, em nome da verdade, que temos vindo a caminhar em frente, graças ao carinho que os nossos estimados assinantes (que tantas falhas vão desculpando) continuam a conceder-nos. Bem hajam todos, nesta hora festiva.

Nunca será demais repetir que somos independentes. Não recebemos subsídios de entidades públicas nem privadas. «A Voz de Loulé» continua viva porque temos muitos e bons amigos conosco: assinantes, anunciantes e colaboradores. Podemos afirmar que estamos unidos na independência. Assim desejamos prosseguir.

«A Voz de Loulé» está de parabéns. São 21 anos! Mas para si, estimado leitor, também há parabéns: este abraço amigo em sinal de alegria e gratidão. O nosso jornal continua a contar consigo. Sabemos que não faltará.

po de 10 a 15 que parecia tão veementemente entusiasmado com a ideia inicial foi perdendo a vontade de prosseguir.

Porquê?

Não podemos responder por cada um, mas supomos que, principalmente, esses nossos amigos, não acreditam que seja possível criar a Cooperativa Agrícola de Loulé.

E talvez por não acreditarem, não se dispõem a trabalhar por uma «causa perdida». Mas nós continuamos acreditando e tentamos pedir oportunamente a sua indispensável colaboração... mas quando chegar o momento em que já não haja motivo para duvidar da realização de uma obra de indiscutível valor e que se impõe seja feita.

Nós contamos com o apoio daqueles lavradores que nos incentivaram a continuar. Nós precisamos do apoio daqueles lavradores que participaram nas primeiras reuniões. O futuro da Cooperativa dependerá principalmente da sua orientação.

É bem verdade que esses nossos amigos não têm tido vagar de nos acompanhar e não nos têm dado o seu tão precioso apoio para o bom andamento da iniciativa. Por isso mesmo as coisas têm andado lentamente, mas a ideia inicial mantém-se: vamos criar a Cooperativa de Loulé.

Até aqui temos contado com a imprescindível colaboração do nosso amigo Arthur (o produtor da já célebre aguardente «Tia Anica», que vive na Cabeça (Salir) e portanto no mato algarvio e onde nem o telefone ainda chegou (agora desta vai, Arthur!).

Sem esta colaboração e a da Estação Agrária de Tavira é evidente que mais uma iniciativa há muito teria morrido em Loulé. Aliás alguém até já nos sugeriu que disíssemos porque...

«Loulé não merece».

A verdade é que a nossa terra merece tudo o que fizermos por ela, muito embora o não mereçam alguns dos seus filhos... que sentem um sádico prazer em desfazer de tudo aquilo que não seja de sua própria iniciativa.

É esta a razão da posição de quem dirige este jornal.

«A Voz de Loulé» 4.12.73 N.º 527

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOULÉ

Anúncio

FAZ-SE SABER que na Acção de Divisão de Causa Comum n.º 4/73, que pela 2.ª Secção de Processos deste Tribunal Judicial de Loulé, que Vicente Viegas Marreiros, viúvo, residente na Estrada de S. Luís n.º 109, em Faro, move contra José Caetano de Sousa e mulher e OUTROS, são CITADOS os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre o prédio objecto da acção, para no prazo de 10 dias, a contar da 2.ª e última publicação do presente anúncio, depois de decorrida a dilação de 20 dias, reclamarem o pagamento dos seus créditos pelo produto da venda do prédio objecto da acção.

Loulé, 13 de Novembro de 1973.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

a) Francisco Silva Pereira

O Ajudante de Escrivão,

a) Américo Guerreiro Correia

Banquetes Casamentos e Baptizados

— 3 Salões com diferentes capacidades até 200 pessoas.

Contacte Director

HOTEL BALTUM — ALBUFEIRA

Telef. 52106/07 — Apartado 22

Câmara Municipal de Loulé

AVISO

MANUEL LOURENÇO TEIXEIRA FAÍSCA, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Loulé:

FAZ PÚBLICO QUE A CÂMARA MUNICIPAL DE LOULÉ, EM SUA REUNIÃO DE 13 DO CORRENTE MÊS, DELIBEROU VENDER EM HASTA PÚBLICA, A REALIZAR EM DEZOITO DO PRÓXIMO MÊS DE DEZEMBRO, OS LOTES DE ARTIGOS DISPENSÁVEIS AOS SERVIÇOS A SEGUIR DESIGNADOS, RECEBENDO PROPOSTAS EM CARTA FECHADA, PARA O EFEITO, ATÉ ÀS QUINZE HORAS DO DIA INDICADO.

LOTE N.º 1

— Um motor DEUTZ de 100 CV, de dois cilindros, acionado por meio de correia, um alternador Siemens, tipo F2 43g — 6B3, Y 400/230V, 94/163A, 65 KVA, com 1 000 R. P. M., tendo ainda montado no mesmo veio a excicatriz de 95/110V, 19/22-A — 1,8/2,42 KW.

LOTE N.º 2

— Um motor MERCEDES BENZ de 120 CV — 1 200 R. P. M.

— Um Alternador Siemens, tipo F2 463g — 8B2, 400/230V 123/214A 85 KVA com 750 R. P. M. A. excicatriz montada no alternador é movida pelo mesmo veio e tem as seguintes indicações: 95/110V — 22,7/26A — 2,18/2,86KW.

Acessórios: três garrafas de ar comprimido;
uma bomba de água;
duas correias;
dois quadros eléctricos;
gradeamento.

LOTE N.º 3

— Um motor BEUTZ n.º 558913/15, de 56 CV 750 R. P. M.

— Um alternador Siemens, 400/230V, modelo F 223/8B2, 58/101 Amp. 40 KVA.

— Diversos acessórios.

LOTE N.º 4

— 2 Motores Diesel.

— 2 Alternadores.

— 2 Excicatrizes.

— 3 Quadros de mármore com voltímetros, amperímetros, contadores e suas ligações.

LOTE N.º 5

— 80 Kgs. de latão (proveniente de casquilhos de lâmpadas).

LOTE N.º 6

— Cerca de 1 000 Kgs. de cobre velho, incluindo algum queimado.

— Sucata de ferro e ferro fundido.

LOTE N.º 7

— Cerca de cinco mil Kgs. de sucata diversa, incluindo uma viatura marca SKODA.

OS LOTES ACIMA INDICADOS PODEM SER VISTOS NA ANTIGA CENTRAL ELÉCTRICA, NA RUA DE S. PAULO, NESTA VILA.

Loulé, 22 de Novembro de 1973.

A Bem da Nação

O PRESIDENTE DA CÂMARA

Manuel Lourenço Teixeira Faísca

VENDE-SE

Um prédio de 1.º andar, de construção recente, situado na Rua Martim Farto em Loulé.

Informa: José dos Santos Silvestre — Rua Martim Farto — Loulé.

VENDE-SE

Por motivos de saúde, vende-se uma camionete marca Bedford, em 2.ª mão, com 112 Km rodados.

Informa: Rua Vicente de Brito, n.º 22 a 26 — Santa Bárbara de Nexe.

Mendonça & Guerreiro, L.da

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

NOTÁRIO: LICENCIADO NUNO ANTÓNIO DA ROSA PEREIRA DA SILVA

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 20 do mês corrente, lavrada de fls. 38 a 40, do livro n.º A-73, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi constituída entre José Vicente Mendonça e Álvaro José da Ponte Guerreiro, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a firma «Mendonça & Guerreiro, Limitada», tem a sede na Rua do Matadouro, freguesia de São Sebastião desta vila de Loulé, sem número e durará por tempo indeterminado a partir de hoje.

Segundo — O seu objecto consiste no exercício da actividade de construção civil, carpintaria mecânica, e compra e venda de propriedades, podendo alargar-se a qualquer outra actividade comercial e industrial em que os sócios acordem e seja permitida por lei.

Terceiro — O capital social integralmente realizado, é de trezentos mil escudos, para o qual o sócio José Vicente Mendonça subscreveu uma quota de cento e cinquenta mil escudos, realizada pela entrada para a sociedade com o seu estabelecimento industrial e comercial de carpintaria mecânica, que tem girado sob a firma individual de José Vicente Mendonça, sito nesta vila de Loulé e freguesia de São Sebastião, na Rua do Matadouro, instalado no rés-do-chão de um prédio seu, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo número três mil cento e trinta e quatro, com o rendimento colectável de oito mil seiscentos e quarenta escudos e de que a sociedade passará a ser arrendatária, compreendendo-se no estabelecimento todos os utensílios, móveis, máquinas, ferramentas, o alvará número sessenta mil cento e quarenta e seis, recheio do estabelecimento, valores e mais direitos inerentes, incluindo o direito ao uso do local, a que atribuem o valor global de cem mil escudos e cinquenta mil escudos em dinheiro, e o sócio Álvaro José da Ponte Guerreiro, subscreveu uma quota também de cento e cinquenta mil escudos, realizada em dinheiro.

Quarto — A cessão de quotas, no todo ou em parte, é livremente permitida entre os sócios, só sendo permitida a estranhos com expresso consentimento da sociedade.

Quinto — 1. A gerência da sociedade, dispensada de caução, será exercida por todos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, com ou sem remuneração, consoante for acordado em Assembleia Geral.

2. Qualquer dos gerentes poderá delegar toda ou parte dos poderes de gerência, por meio de procuração, em quem entender.

3. Para obrigar, válidamente a sociedade, é suficiente a assinatura dum dos gerentes ou seus procuradores.

4. A sociedade não poderá ser obrigada em fianças, abonações, letras de favor e outros actos e contratos estranhos aos negócios sociais.

Sexto — As Assembleias Gerais serão convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios, com quinze dias de antecedência, pelo menos.

Está conforme ao original.

Secretaria Notarial de Loulé, 26 de Novembro de 1973.

O 2.º Ajudante,

a) Fernanda Fontes Santana

«Sociedade Imobiliária Quinta da Semina, Lda.»

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

NOTÁRIO: LICENCIADO NUNO ANTÓNIO DA ROSA PEREIRA DA SILVA

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 21 do mês corrente, lavrada de fls. 40, v. a 42, do livro n.º C-73, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foram substituídos os art.ºs 3.º, 4.º e 7.º, do pacto social da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede na Quinta da Semina, freguesia e concelho de Albufeira, e provisoriamente na Rua 1.º de Dezembro, s/n.º 1.º andar, desta vila de Loulé, que gira sob a denominação de «Sociedade Imobiliária Quinta da Semina, Lda.», pelos seguintes, assim redigidos:

Artigo terceiro — O capital social é de cinco milhões de escudos, integralmente realizado em dinheiro e outros bens já entrado na Caixa Social, dividido em três quotas: uma de dois milhões quatrocentos trinta e cinco mil escudos, pertencente ao sócio Wolfgang Köhler; uma de dois milhões quatrocentos e trinta e cinco mil escudos, pertencente ao sócio Christoph von Zeschau; e uma de

cento e trinta mil escudos, pertencente ao sócio Dr. José Vera Jardim.

Artigo quarto — Os supramentos de que a Caixa Social necessitar deverão ser feitos pelos sócios nas condições que acordarem em Assembleia Geral.

Artigo sétimo — São gerentes da sociedade as pessoas que vierem a ser designadas em Assembleia Geral, sem necessidade de caução e com remuneração que por esta vier a ser fixada.

Parágrafo primeiro — A sociedade obriga-se com a assinatura de um só dos gerentes.

Parágrafo segundo — Fica vedado aos gerentes usar a firma social ou obrigar a sociedade em actos estranhos aos negócios sociais, ficando aquele ou aqueles que infringirem esta obrigação solidariamente responsáveis para com a sociedade pelos prejuízos que lhe causarem.

Parágrafo terceiro — Qualquer dos gerentes, isoladamente, pode nomear procuradores com poderes gerais de gerência ou com poderes especiais para determinados actos ou contratos.

Está conforme ao original.

Secretaria Notarial de Loulé, 26 de Novembro de 1973.

O 2.º Ajudante,

a) Fernanda Fontes Santana



JUNTE SELOS

TROQUE

POR BRINDES

MOAGEM DE RAMAS VENDE-SE

Por motivos de saúde, vende-se uma moagem de farinha de ramos, em plena laboração.

Tratar com Adelino Francisco da Silva — Tel. 6 26 56 — Loulé.

TRESPASSA-SE

Estabelecimento devoluto, com projecto aprovado, situado na Praça da República, 32 em Loulé.

Resposta ao Apartado 75 de Olhão ou pelo Telef. 7 26 35 — Olhão.

Leia e assine

«A VOZ DE LOULÉ»

PINGO DE

QUE DESPORTO?

O desporto em Loulé, apesar de algumas dedicações de «carolas», tem sobrevivido na improvisação, no «sobre-o-joe-lho», por falta de um movimento desportivo verdadeiramente organizado.

Enfrentando obstáculos e incompreensões surge, de vez em quando, o Atlético de Loulé a dar sinal de vida, «fugindo» ao costumeiro futebol-ciclismo — e a juventude louletana pode então realizar aquelas jornadas de atletismo que, não poucas vezes, têm revelado autênticas promessas para um desporto que o profissionalismo ainda não conseguiu totalmente dominar.

O fomento de uma «imagem» mais generosa do desporto deve-se, em Loulé, ao Atlético. Tal facto, cremos, não será posto em dúvida, pois muito embora o Louletano vá procurando uma «saída», a verdade é que este clube parece já padecer dos grandes males do que não é «carne nem peixe». Uma equipa profissional de ciclismo? Uma equipa profissional de futebol (diz-se que os futebolistas também querem receber «X» todos os meses)?... Mas para quê, se ninguém ambiciona «glórias»? Ou não será que, para «espectáculos», já não bastam os Agostinhos, os Eusébios e quejandos?!

MANUEL SEQUEIRA AFONSO

RONDA DE CONCELHO

A Cooperativa Agrícola de Loulé é tema de reunião

Com a participação de numerosos agricultores da região, realizou-se recentemente na Sociedade Recreativa Almancilense mais uma das reuniões que «A Voz de Loulé» vem promovendo em todo o concelho no sentido de esclarecer os interessados do que é e para que serve uma Cooperativa.

Após a exibição do excelente filme colorido que a Estação Agrária de Tavira proporcionou, houve um contacto dialogante com os lavradores reunidos, numa participação activa de quem se interessa pela solução dos seus próprios problemas.

Com aquela fluência de palavras que lhe é peculiar, o nosso amigo Arthur Marcos Guerreiro, detalhou pormenores do filme, deu explicações acerca do funcionamento das Cooperativas e vantagens da sua existência, estabelecendo depois um diálogo aberto e de muito interesse com alguns lavradores, do que se concluiu que Almancil quer que seja criada a Cooperativa Agrícola de Loulé.

* * *

Dias depois estivemos em Boliqueime (também na Sociedade Recreativa) e lá encontramos vários amigos já inscritos na Cooperativa. Estavam muito interessados em saber pormenores. Queriam ver o filme. Queriam dar a sua adesão a uma iniciativa que, já se adivinha, a todos beneficiará.

Como há muitos comerciantes em Boliqueime, supoz-se que, ali, o ambiente não seria favorável à criação da Cooperativa. Puro engano: a assistência era muito numerosa e grande o entusiasmo pelo prosseguimento da iniciativa.

Mais uma vez o «locutor oficial» da Cooperativa se espalhou em pormenores curiosos, salientando a necessidade que a lavoura tem em se «associar para se salvar», frisando que deverá haver uma colaboração cooperativa/comerciantes.

Além da lavoura deve preparar-se para o futuro, visto que é visível a inclinação do grande comércio agrícola para outros sectores de grande expansão actual e de maior rentabilidade, sendo por isso previsível que cada vez mais se agravem os problemas da lavoura — se não foram tomadas medidas urgentes para acudir às dificuldades que diariamente se vêm agravando.

Como nota curiosa vale a pena

Leia e assiné

«A VOZ DE LOULÉ»

ACONTECEU EM QUARTEIRA

Mais de 400 crianças de Quarteira perderam 1 mês de aulas... porque se demoliu uma escola ainda em óptimo estado. Isto parece incrível, mas aconteceu e revela uma inconcebível falta de visão de quem TINHA QUE DECIDIR.

Há cerca de 4 meses, todas as pessoas que disso tiveram conhecimento, ficaram surpreendidas por verem demolir o edifício de 4 salas que servia as 400 crianças que frequentam a escola em Quarteira.

Era bem verdade que, ao lado e, simultaneamente, estava a

construir-se uma nova escola onde irá ensaiar-se um novo tipo de instrução infantil, mas ninguém, com 2 dedos de testa, percebia o porquê de tanta URGÊNCIA em demolir uma escola do Plano dos Centenários (construída há cerca de 15 anos, com pedra e cal) e portanto em óptimo estado.

Sendo aquela a única escola de Quarteira e sendo compreensível que era IMPOSSÍVEL o novo edifício estar pronto antes de Outubro, ninguém podia compreender porque se demoliu uma escola. Mas o edifício foi totalmen-

te arrazado... por pessoal especializado que, entretanto, podia ter contribuído para adiantar a nova construção.

É verdade que o Estado impôs como condição que Quarteira seria preferida para a construção duma escola «tipo» desde que a velha (?) fosse demolida. Isto é muito discutível porque não vimos o «mal» que a escola velha (?) pudesse fazer à sua vizinha que está a construir-se a 20 metros (até podia ter ficado a 100 ou 200 metros). Esse problema é, portanto, muito discutível mas não nos compete dar uma opinião.

Só o não compreendemos é porque se correu o risco de deixar 400 crianças sem escola e,

Continua na 3.ª pág.

Almirante Tenreiro

• Continuação da 1.ª pág.

veio aqui para ajudar a dar um «empurrão» no Museu-Biblioteca que se pretende criar em Loulé.

Esta visita foi feita a convite da sr.ª Dr.ª D. Isilda Pires Martins, vereadora de Assuntos Culturais da Câmara e, como apaixonada pela arqueologia que é, vive e sente todos os problemas relacionados com a história e arqueologia. E parece que neste aspecto, Loulé possui muito mais do que se pensa. Por isso a Dr.ª Isilda tem trabalhado entusiasticamente para realizar um sonho: dotar Loulé com um Museu onde se reunam todos os objectos e fragmentos dispersos que mereçam ser conservados e admirados por historiadores e curiosos e de uma biblioteca espaçosa onde nos possamos sentar e consultar os livros.

Mais concretamente podemos acrescentar que o sr. Almirante

Henrique Tenreiro esteve no Castelo de Loulé e apreciou as excepcionais condições que ele oferece para o efeito, e prometeu interessar-se pela resolução do problema. Como Deputado do Algarve e com força da sua influência pessoal, ficamos quase com a certeza que o Estado (como aliás é seu dever) há-de mandar proceder a obras de restauro que o Castelo de Loulé exige e de adaptação por queé património da Nação e porque Loulé merece ter o seu Museu no lugar mais indicado que se conhece.

Daquela recinto sempre fechado e quase inacessível poderá fazer-se uma autêntica sala de visita e portanto quase obrigatoriamente visitado por quantos turistas venham a Loulé.

Defesa do consumidor programa continuado de «Conteste»

Cada vez mais o consumidor vai tomando consciência das pressões a que está submetido pelas técnicas modernas altamente apuradas de «marketing» e publicidade, que o levam a adquirir nem sempre o melhor produto, o produto necessário ou o produto indicado. Algumas vezes, em troca do seu dinheiro, o consumidor adquire até produtos mal estudados, mal formulados, perigosos ou prejudiciais até para a saúde, mas apresentados pelos trombetas da publicidade com a expressão inultrapassável do «melhor que há», do «mais puro», do «mais moderno», do «mais conveniente»...

Poderá alguma vez esperar o Consumidor que a publicidade inegável e primordialmente ao serviço dos interesses de vendas dos produtores, seja mais exacta nas informações que transmite, mais honesta e verdadeira, respeitando, também os interesses do consumidor?

Poderá isso acontecer, mas será uma longa batalha em que o próprio Consumidor, que somos todos nós, cada um de nós, terá de intervir.

É nesse sentido que em todo o mundo se estruturam movimentos de associação de consumidores, que reunidos, possam entrar como parte de igual força na discussão, afirmação e defesa dos seus direitos perante a máquina poderosa, bem estruturada e bem servida da Produção.

Em Portugal, esse movimento foi iniciado pela excelente revista «Conteste», uma publicação corajosa ao serviço do público.

O Carnaval de Loulé pode morrer?
NÃO!
faz falta ao Algarve

Falecimentos

Faleceu, em Lisboa, a nossa conterrânea sr.ª Dr.ª D. Agar de Sousa Costa Guerreiro da Franca, que contava 61 anos.

A saudosa extinta, que era filha do consagrado Poeta algarvio, Cândido Guerreiro, e da sr.ª D. Margarida de Sousa Costa, (ambos falecidos), era dotada de dotes de verdadeira artista.

A recente publicação das obras de seu pai deve-se ao seu esclarecido critério e à sua fidelidade à memória e à mansagem espiritual do Poeta.

A Dr.ª Agar Guerreiro da Franca frequentou o Liceu de Faro e formou-se, em Lisboa, em Ciências Fisiológicas.

Dirigia há muitos anos, com dedicação e proficiência, a Escola Lusitânia Feminina, na capital. Deixa viúvo o sr. Dr. José Dias Passos Pinto, antigo professor de Ensino Secundário, e era mãe do sr. João da Franca Passos Pinto, estudante; irmãos dos srs. Eng.º Otman Guerreiro da Franca e Cândido Guerreiro Xavier da Franca, ambos ausentes no Ultramar, e cunhada das sr.ªs D. Noémia Passos Pinto e D. Judite Passos Pinto.

— Faleceu em Loulé, no passado dia 23 de Novembro, a sr.ª D. Violante da Soledade Graça Lopes, viúva, natural de Tavira, mãe do nosso prezado amigo e assinante sr. José Lopes Rodrigues considerado comerciante da nossa praça, e do sr. dr. Helder Rodrigues, Sérgio Rodrigues, estudante de medicina, Jorge Manuel de Passos Rodrigues e da menina Maria Jorge de Passos Rodrigues, aluna do Conservatório Nacional de Faro.

— Faleceu em Benguela, no passado dia 31 de Outubro, o sr. Eduardo Vargas Freire, que contava 61 anos de idade e deixou viúva a sr. D. Ofélia Vargas.

O saudoso extinto era filho da sr.ª D. Mariana António Vargas e do sr. Manuel Freire (falecidos) e irmão do sr. Francisco Vargas Freire, nosso dedicado assinante, e conceituado comerciante da nossa praça, casado com a sr.ª D. Silvina Guerreiro Vargas.

As famílias enlutadas endereçamos sentidas condolências.

Dr. Gonçalves Simões novo Subdelegado do I. N. T. P.

O sr. Dr. António Jorge Gonçalves Simões é o novo subdelegado do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, em Faro, tendo-lhe sido conferida posse pelo sr. Dr. Fuzeta da Ponte, Delegado distrital daquele organismo corporativo.

Ao novo subdelegado do I. N. T. P. (que desempenhava o cargo de Chefe da Divisão da Acção Médico-Social da Caixa de Previdência do Distrito de Faro) «A Voz de Loulé» apresenta votos de felicidades no desempenho do seu importante cargo.

Novos empreendimentos em Vilamoura

Estão em curso em Vilamoura empreendimentos de tal grandeza que são garantia do seu êxito e a certeza de um promissor futuro.

A Marina é o fulcro principal à volta da qual estão surgindo obras que dia a dia se valorizam e dão a Vilamoura a sua verdadeira dimensão.


Neste momento está em foco um dos mais acolhedores empreendimentos: os aldeamentos residenciais.

A dinâmica empresa lusobritânica Norwest Holts (Portugal), Lda. comprou uma ampla área em Vilamoura, depois construiu a acolhedora Aldeia de Golf (próximo do campo de Golf) com

bonitas moradias para vender e alugar e onde o funcional se alia excelentemente com o bom gosto; depois comprou outra área junto da estrada Loulé-Quarteira e aí estão erguendo o aldeamento Golférias e entretanto até já tem projectos para novas urbanizações em Vilamoura.

Tudo isto foi revelado a um numeroso grupo de jornalistas de Lisboa, Porto e Algarve que estiveram em Vilamoura no dia 12 de Novembro a convite da Norwest Holts e que puderam apreciar, aliás com muito interesse, todo um complexo de um grandioso empreendimento qua-

• Continuação na 3.ª pág.



No período de NATAL

visite a garrafeira do

Mercado AMAZONA

Um sortido das melhores bebidas